

INAUGURAÇÃO OFICIAL DE GOIÂNIA

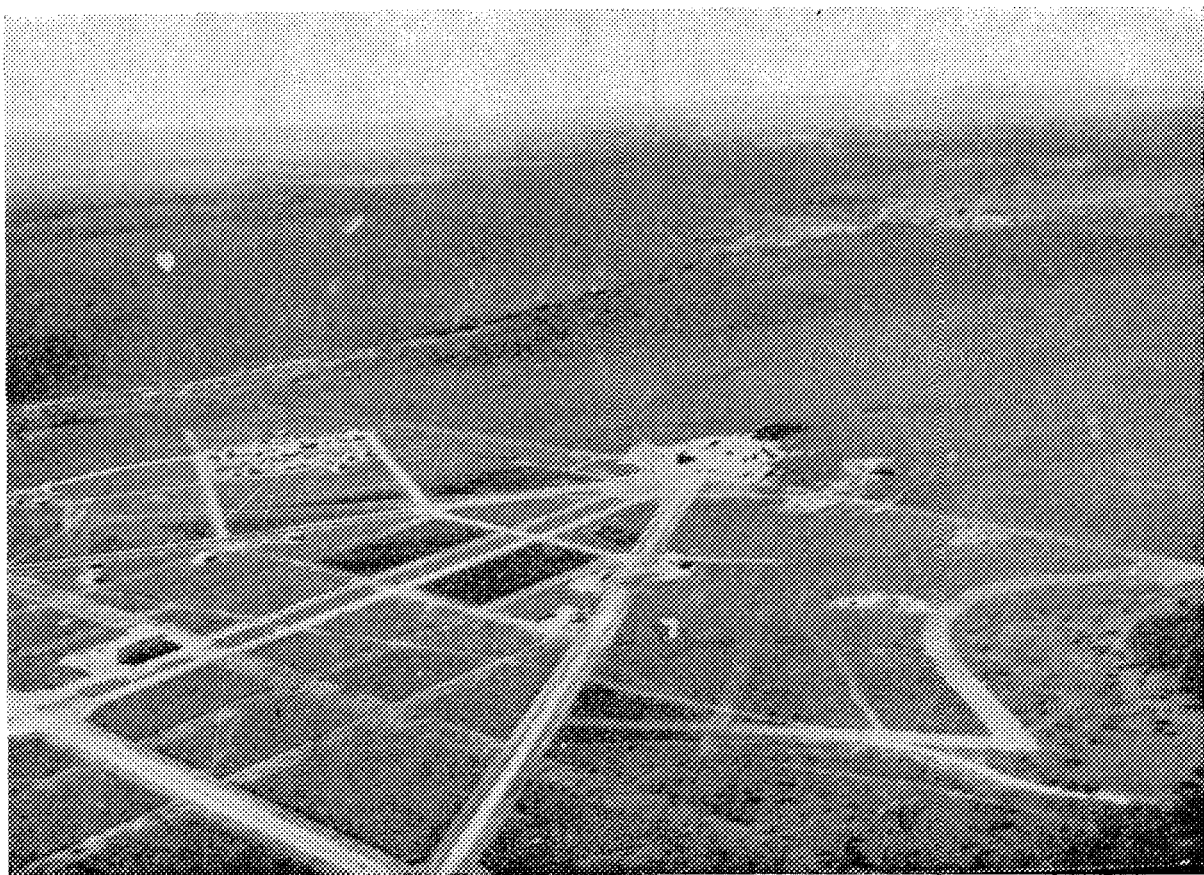
O ato da inauguração oficial de Goiânia a 5 de Julho último, dentre todas as solenidades, foi, inquestionavelmente, a nota de maior realce cívico, dentre o conjunto das cerimônias ali levadas a efeito durante vários dias.

O cerimonial da inauguração oficial da nova capital de Goiás realizada no dia 5 de Julho último, teve início com uma passeata cívico-militar que, depois de percorrer as ruas principais da nova cidade, foi estacionar na Praça Cívica, onde fica situado o palácio governamental para, dali, assistir o hasteamento solene da bandeira nacional.

Ao Evangelho, o arcebispo de Cuiabá, Dom AQUINO CORREIA, pronunciou a seguinte oração gratulatória:

*"Gloria in excelsis Deo !
"Glória a Deus nas alturas"!*

Exmo. Sr. Dr. Interventor Federal e representante do Sr. Presidente da República, Exmo. e Rvmo. Sr. Arcebispo Metropolitano e representante do Sr. Cardeal, Ilmo. e Rvmo. Monsenhor Administrador Apostólico, Exmo. Sr. General, Exmo. Sr. Presidente do Tribunal de Apelação, Exmo. Sr. Prefeito Municipal,



Primórdios da cidade. Ao fundo, vê-se o palácio do governo, em construção.

Missa Campal As 8,30 horas, em imponente altar armado naquela Praça, presentes os representantes ministeriais, delegações estaduais, altas autoridades, colégios, grande massa popular, realizou-se missa solene, celebrada por Dom EMANUEL GOMES DE OLIVEIRA, arcebispo de Goiás, investido da missão de representante de sua eminência o cardeal D. SEBASTIÃO LEME.

Exmos. Srs. representantes dos Ministros de Estado, Rvmos. Padres, Distintas Autoridades civis e militares, Católicos goianos !

Assim como o peregrino, que se abalava outrora, até à Cidade Santa de Jerusalém, levava no coração um pensamento de elevação e de grandeza, *ascenciones in corde suo*, assim também, os que hoje galgamos estas eminências da interlândia brasileira temos a im-

pressão salutar de que nos elevamos e engratecemos.

Aquí estamos em pleno coração do Brasil; coração imenso, que ora parece pulsar, tranqüilo, na planura dos araxás pré-históricos, e ora se nos afigura agitado e convulso, mostrando nos pináculos das serranias um como diagrama das suas pulsações gigantescas; o coração excelso e puríssimo, transformado, nesta hora, em maravilhoso altar, para a liturgia campal da nossa cultura religiosa e cívica.

Foi justamente um monte, como sabeis, o primeiro altar do Cristianismo; e, por isso, nada mais sugestivo do que este planalto central, tão cheio de sol e de vida, neste momento em que, festejando o berço à gentil caçula das capitais brasileiras, aquí celebramos o mistério eucarístico da mais solene ação de graças.

Goiáz, todavia, não é hoje apenas o coração geográfico, senão também o coração vivo da Pátria, palpitando aquí, ao fluído arcano e divino dos entusiasmos que empolgam tôda a nacionalidade.

Aquí, de fato, não vejo somente o povo goiano, o benfadoado e amável povo, que hoje triunfa em íntima união com as suas autoridades, dentre as quais se destacam a figura eminente do chefe do Estado e o vulto hierático do seu metropolitano, que no próprio nome, de que fez a divisa heráldica das suas armas arquitepiscopais, nos lembra que Deus está com êle, abençoando os fiéis: *Emanuel, nobiscum Deus!*

Vejo aquí também o representante do primeiro magistrado da Nação; vejo representantes dos Ministros de Estado civis e militares; vejo delegados dos governos estaduais; vejo altos funcionários da União e dos Estados; vejo doutos emissários dos nossos institutos culturais, que solenizaram estas efemérides goianas com notáveis congressos, assembléias, exposições e conferências.

Quiseram, outrossim, os promotores desta solenidade sacra, de fé e de civismo, que aquí estivesse também, numa representação especial, representação pela palavra fraternal do afeto e da estima, a terra mais irmã de Goiáz, que é Mato Grosso; duas terras gêmeas, porque nascidas contemporaneamente em nossa história; terras irmanadas, não raro, na comunhão dos mesmos destinos, terras clássicas das bandeiras de Oeste, dois de cujos legendários pioneiros, BARTOLOMEU BUENO DA SILVA e ANTÔNIO PIRES DE CAMPOS, amigos de infância, inspirados ambos no mesmo sonho infantil, porém épico, da serra dos Martírios, entraram pelo sertão, um em rumo a estes predestinados sítios

de Sant'Ana dos Goiazes, rumando outro ao longínquo e misterioso vale do Cuiabá; e ao cabo de titânicas arrancadas, legaram ao Brasil de hoje, numa herança imortal e gloriosa, dois dos três vastos Estados centrais e auríferos da República.

Gloria in Excelsis Deo! Assim, pois, senhores, é a alma nacional que hoje sobe, e com ela subimos também nós, a estes poéticos páramos da cordilheira, que é o soberbo *divortium aquarum*, onde nascem, lado a lado, cristalinas e cantantes, as grandes águas do Amazonas e do Prata. Magnífica ascensão, que, entretanto, mais não é do que um símbolo dessa outra, muito mais nobre, muito mais santa e muito mais sublime, que é a elevação do nosso espírito no ideal soberano, que hoje aquí nos guiou e encanta! Aquí viemos, antes e acima de tudo, trazer a Deus onipotente e misericordioso, a mística oblata dos nossos agradecimentos, entoando a estes ares livres e sonoros do altiplano o hino vinte vêzes secular, que o Pontífice acaba de repetir no rito sacrossanto da missa, hino angélico, hino das regiões altas e serenas como esta: "Glória a Deus nas alturas"? *Gloria in excelsis Deo!*

Sim! Glória a Deus nas alturas das nossas montanhas, onde as palmeiras sacodem airoosamente os flabelos nos cerimoniais da amplidão; onde se aspira o incenso de tôdas as boninas, desde a flor elegante dos nossos jardins, até às vitórias-régias das planícies alagadas e as altivas e formosas orquídeas da mata; onde se ouvem, no mais grandioso dos orfeões, tôdas as vozes do Brasil, desde o bramido dos seus mares nas praias e nos rochedos do litoral infindo, desde o ronco das suas pororocas e das suas cataratas, até o gorgoejo dos seus lindos pássaros à beira dos ninhos e a canção dos beijos maternos, no abençoado remanso dos seus lares: *Gloria in excelsis Deo!*

Sim! glória a Deus nas alturas morais da consciência brasileira, orientada, sempre mais, pelos princípios eternos dos Evangelhos, para este regime de ordem na disciplina e de progresso no trabalho, mediante a mútua compreensão e a concórdia entre as duas sociedades perfeitas, mas inseparáveis, independentes, mas harmônicas entre si, que são o Estado e a Igreja; mediante o equilíbrio pacífico nas relações políticas e melindrosas do poder com a liberdade; mediante a constituição sacramental e inviolável da família; mediante a formação religiosa do Exército e da Juventude, duas supremas esperanças da Pátria, a esperança do seu presente e a esperança do seu futuro: *Gloria in excelsis Deo!*

Goiânia, flor miraculosa

E bem justo é, senhores, aproveite o Brasil os acontecimentos magnos da vida nacional para render graças ao Senhor Deus das Nações, pelos benefícios da paz e da prosperidade que, apesar da hora conturbada, que vivem os povos do Universo, ainda hoje desfruta e goza a Nação Brasileira. E nenhum melhor ensejo se lhe poderia deparar do que a festa, em que hoje se engalanam estes chapadões floridos, para o batismo da recém-nascida e mimosa catecúmena da civilização em terras de Santa Cruz; festa das mais expressivas e típicas dessa política do "rumo a Oeste" proclamada pela voz augusta do Presidente VARGAS; festa, enfim, que há-de ficar à maneira de marco luminoso nesse roteiro da volta aos sertões, pela ressurreição dos tempos heróicos da nossa História, quando os primeiros porta-bandeiras da expansão territorial do Brasil, pene-

ANHANGUERAS, descobridores de Goiaz, fazendo jus, nos fastos da nossa nobiliarquia histórica, ao honroso título de "terceiro ANHANGUERA". Não o ANHANGUERA da idade colonial, a embasbacar com pelóticas a barbárie dos selvagens; mas um ANHANGUERA do século vinte, ANHANGUERA douto e aristocrata, que nos enche de maravilha, fazendo surgir a nossos olhos, sob a varinha mágica da sua administração, esta cidade moderna, que, ontem sertão, é hoje uma futura metrópole.

Goiânia, pois, não é tão somente uma flor destes cimos soalheiros, dominados, ao longe, pela poesia altaneira dos Pireneus e da Serra Dourada: é muito mais. Goiânia é uma flor miraculosa do Estado Novo, que nela tem hoje um monumento da sua política de realizações; nela tem hoje um troféu de vitória para os seus ideais de renovação da nossa democracia, em moldes mais consentâneos com a razão e a



Buritizais da fazenda do "Bonito" — Hidrolândia, distrito de Goiânia.

trando o continente na direção dos paralelos, conquistaram novos e novos meridianos, e deixaram atrás, muito atrás, o de Tordesilhas, que iria quase comprimir o território pátrio, entre a Serra do Mar e as vagas do Atlântico.

Estamos aqui, portanto, comemorando uma significativa e fúlgida etapa dessa "marcha para Oeste", que encontrou um dos seus mais estrênuos vanguardeiros na pessoa do Interventor PEDRO LUDOVICO, que nestes dias, com as revelações do seu governo, filia-se galhardamente na estirpe homérica dos BUENOS DA SILVA, os inclitos e lendários

indole da gente brasileira; nela tem hoje, enfim, um farol radioso, levantado no centro do país, para nortear os caminhos do nosso verdadeiro engrandecimento, tal como, em épocas de antanho, os alterosos coqueiros incendiados encaminhavam o índio, na vastidão imensurável destes verdes e floridos desertos.

Conclusão Já vêdes, pois, senhores, com quanta razão venha hoje a alma católica do Brasil, ao alto deste maciço milenário, lançar, aos quatro ventos do céu, o cântico do louvor e do agradecimento ao Senhor e Doador

de todos os bens: "Glória a Deus nas alturas"! *Gloria in excelsis Deo!*

Já vêdes com quanta razão aqui esteja diante da bela imagem de Nossa Senhora Auxiliadora, a Virgem de São João Bosco, imaculada padroeira desta cidade, aqui esteja, em transporte do mais sadio entusiasmo religioso e cívico, o simpático povo goiano, tão brilhantemente representado no prestígio dos seus poderes públicos, no brilho da sua intelectualidade, nos primores da sua família, no sorriso primaveril da sua juventude.

Já vêdes com quanta razão aqui estejamos também nós, a compartilhar os júbilos do povo goiano e a bater palmas ao seu triunfo, todos os romeiros desta memorável excursão a Goiânia, porém, mais do que todos, talvez, aquele que tem a honra de falar-vos neste instante, porque ligado a este povo, por laços atávicos da mais cordial afinidade.

Concluamos, pois, senhores, que não podia passar despercebido ao Brasil o milagre sensacional de Goiânia; não podia o país manter-se alheio a estes festejos soleníssimos, por onde paira e vibra um não sei quê de mocidade fecunda e esperançosa; não podia a Nação ignorar o gesto dinâmico de um povo que, sob a direção do seu governo, ao mesmo passo que as velhas civilizações tudo destróem, cria assim uma cidade, tarefa sobrehumana, que já a mitologia grega reputava digna de deuses e semi-deuses.

O Brasil, em suma, devia vir aqui, como veio, para daqui levar a mais eloquente lição e a mais edificante reminiscência.

Na era colonial, o herói das crônicas bandeirantes da terra goiana conquistava os indígenas inflamando uma pouca de aguardente, e ameaçando fazer o mesmo a todos os rios.

Hoje, são nossos corações de brasileiros que Goiás conquista com o fogo sagrado da festa de Goiânia de onde levaremos, acesa, a chama do amor cívico e fraterno, a centelha da confiança nas energias latentes e taumaturgas da nacionalidade, a flama olímpica da fé e do patriotismo, que nos fará, para todo o sempre, lembrar este risonho planalto em flor, e exclamar, num misto de emoção e de saudade: "Glória a Deus nas alturas"! *Gloria in excelsis Deo!*"

*

Outra solenidade de imponência, foi a que teve lugar às 14 horas no Cine-Teatro Goiânia, onde, além de se encontrarem delegações de tôdas as unidades federadas, caravanas estu-

dantis, representações municipais de Goiás e do Triângulo Mineiro, comprimia-se grande multidão.

Discurso do Interventor Pedro Ludovico Teixeira

A sessão foi aberta ao som do hino nacional, ouvido de pé por todos os presentes. Em seguida o Dr. PEDRO LUDOVICO, Interventor Federal leu substancial discurso que passamos a transcrever na íntegra:

"Meus senhores.

Em Novembro de 1930, assumindo o governo do Estado de Goiás, após a refrega revolucionária, imbuí-me da resolução que, aliás, já tinha, quando combatente nas hostes da oposição, de que um governante devia se esforçar o mais que pudesse para não cair nos erros que profligava como censor da administração que o precedera, pois, ao revés, devia ser considerado um mistificador das aspirações populares.

Levado por esta diretriz, passei em revista as falhas que via nas pregressas administrações goianas.

Entre muitas, deparou-se-me relevante, prejudicialíssima aos interesses da coletividade e, portanto, ao Estado, a permanência da capital na velha Goiás, que MIGUEL LINO DE MORAIS, COUTO MAGALHÃES e outros já haviam condenado para servir como sede do governo.

Verifiquei desde logo que o maior empecilho ao desenvolvimento do Estado era a continuação desse fator negativo.

Não é meu propósito repetir nesta hora, todos os argumentos que expendi, quer escrevendo, quer falando, como justificativa da mudança da capital.

Foram tão repisados, que me falta entusiasmo para de novo focalizá-los.

Entretanto, não é censurável lembrar uma pequena parte da história intimamente ligada a esse acontecimento.

Há 80 anos, mais ou menos, o general COUTO MAGALHÃES, então presidente da província, emitiu a seguinte opinião sobre o assunto, que, desde aquela época, já tinha impressionado a sua visão de homem superior e de administrador sagaz: "Temos decaído desde que a indústria do ouro desapareceu. Ora, a situação de Goiás era bem escolhida quando a província era aurífera.

Hoje, porém, que está demonstrado que a criação de gado e a agricultura valem mais do que quanta mina de ouro há pela província, continuar a capital aqui é condenar-nos a morrer de inanição, assim como morreu a in-

dústria que indicou a escolha dêste lugar. As povoações do Brasil foram formadas a esmo, e a economia política era uma ciência desconhecida, de modo que o govêrno ainda que quisesse não poderia dirigir com acêrto essas escolhas; hoje, porém, assim não é. Uma população de 5 mil almas colocada em lugar desfavorável não pode nada mais produzir do que o necessário para a sua nutrição”.

Vinte e sete anos depois, um outro Presidente da Província, Rodolfo Gustavo da Paixão, assim se exprimia: “A capital de Goiaz é, sem dúvida, uma daquelas cidades cujo estado sanitário, dia a dia pior, reclama as mais prontas e enérgicas providências. Situada em meio de uma bacia, conquanto sôbre terreno acidentado, cercada de altos montes que a comprimem em diminuto âmbito, embaraçando-lhe a regular ventilação, estreitando-lhe demais o horizonte visual; castigada por excessiva temperatura graças à sua baixa latitude de 16° S, não corrigida pela altitude ou por causas locais; com uma edificação à antiga, obedecendo, *in totum*, à arte colonial, que era antes a negação dos mais rudimentares princípios arquiteônicos e dos mais salutaes preceitos da moderna hygiene; espreguiçando-se às margens do rio Vermelho, mas curtindo verdadeira sede de Tântalo, visto como a água viscosa dêste ribeiro, despejo e lavadouro da população, não é e nem pode ser convenientemente distribuída às casas, e porque a fornecida pelo único chafariz existente e parcas fontes carece das condições de abundância e necessária potabilidade; desprovida de bom sistema de esgotos, capaz de evitar o uso prejudicialíssimo das latrinas perfuradas no terreno, onde as matérias fecais sem escoamento entram em rápida decomposição e exalam deletérios miasmas, e absorvidas pelo sub-solo, bastante permeável, comunicam-se com os poços de serventia, de ordinário abertos nas proximidades daqueles focos de infecção, a decadente Vila-Boa hospeda em seu seio poderosos agentes de destruição, que hão de, em breve, transformá-la em vasta necrópole, onde a morte campeie com todo o seu cortejo de horrores. Ainda há pouco, as febres palustres, valentemente auxiliada pela terrível influenza e por outras enfermidades, vieram provar a razão do asserto; porquanto houve dia em que se deram oito óbitos, mortalidade, aterradora para uma pequena cidade de dez mil almas, se tanto! Proporcionalmente, o obituário do Rio de Janeiro, cuja população permanente e adventícia é superior a seiscentas mil almas ou sessenta vezes maior, devera acusar 480 falecimentos em igual divisão de tempo! Não me consta, entretanto, que tal tenha acontecido na formosa, rica e muito calu-

niada capital da República, nem mesmo quando a febre amarela lhe faz intensa e demorada visita”.

Confesso, fazendo justiça à velha Goiaz, que não foram motivos de ordem sanitária que pesaram no meu espirito para retirar-lhe a primazia de ser a metrópole goiana.

É um centro urbano relativamente saudável, apenas com uma endemia de paratifo, como se dá em inúmeras cidades e capitais do Brasil.

Causas de origem econômica, política e social influíram poderosamente para que lhe cerceasse o privilégio de que usufruía.

E essas causas eram de tal importância que viviam no subconciente de todos os goianos, mormente no dos que residiam na antiga Vila-Boa.

Nestes peculiarmente, porque constituía, há tempo, um ponto de interrogação para a economia de muitos e para o sentimentalismo de alguns.

Tanto assim que a Constituição do Estado, no seu artigo quinto, título I, dizia: “A cidade de Goiaz continuará a ser a capital do Estado, enquanto outra cousa não deliberar o Congresso”.

Nos próprios contratos havia cláusulas admitindo a hipótese da mudança.

Só o raciocínio de que uma capital com dois séculos de vida nunca possuía mais de dez mil habitantes, e, pelo contrário, a sua população tendia a decrescer, pois o recenseamento realizado em 1932 lhe dava apenas 8 256 habitantes, bastava para condená-la como sede do govêrno. Acrescente-se que a sua média de edificações entre 1914 e 1932 não excedera de 1 ½ casa por ano.

Penso que era dever precípua de um administrador cônico e zeloso da sua missão amputar êsse mal, que vinha, há muitas décadas de anos, concorrendo para a ruína do Estado, entretendo-lhe francamente o progresso.

Dessarte resolvi quebrar a rotina e a apatia dos dirigentes que me precederam, lançando-me firmemente, desassombadamente, à concretização da idéia-fôrça.

Refletindo intensamente sôbre o magno problema, pensei: será conveniente transferir a sede da administração para alguma cidade do interior goiano, transformando-a em capital, ainda que tenha de dar-lhe nova fisionomia, urbanizando-a com os preceitos modernos? Respondeu-me o conhecimento profundo que tinha dos aglomerados humanos da minha terra que seria uma solução errada, como errada seria o melhoramento urbanístico da velha Goiaz. Analisando como caboclo, conclui: seria botar sal em carne podre.

Egresso de um prélio cívico, que durou alguns anos, e recentemente de uma luta armada, julgava-me em condições de enfrentar os óbices que me aguardavam no novo *front*.

Convicto da nobreza da causa, da necessidade inadiável de efetivar esse ideal, examinei tôdas as faces do problema, apalpei detidamente tôdas as arestas e iniciei a obra, pouco se me dando de agradar ou desagradar a quem quer que fôsse, mesmo porque já havia tomado a seguinte deliberação: ou cumpriria a missão que me tinha imposto, ou voltaria a penates, continuando com prazer a minha vida de médico modesto nos sertões goianos, nas belas regiões sudestinas da minha dadivosa terra.

Os que combatiam a idéia lançaram mão de todos os recursos para me enfraquecer ou para me afastar do pósto que ocupava, afim de que não executasse o meu propósito.

A política serviu-se de todos os embustes, de todo o seu maquiavelismo, de tôdas as forças para me alijar do governo.

Seguindo a costumeira praxe, que estava em moda de sul a norte do país, deputados ridículos e misticadores batiam às portas dos quartéis do Exército para pedirem guarida, dizendo-se vítimas de violências que nunca existiram.

Queriam armar efeito, com o intuito de provocar uma intervenção federal, já que não lhes havia sido possível conseguir o seu *desideratum* de outra forma.

Os que mais apaixonados e violentos se mostraram nessa campanha foram os que se sentiram contrariados nos seus interesses econômicos. Sempre olhei com tolerância e achei até natural a agressividade destes e, ainda mais, dos que me hostilizavam por mero sentimentalismo.

Alguns se enterneciam e se magoavam por ver Goiaz perder o título de detentora de *primus inter pares*, das suas irmãs goianas.

O maior argumento de que os opositores usavam era o de que o Estado não estava em condições financeiras capazes de arcar com tamanha e tão vultosa responsabilidade.

O argumento era forte, pois naquela época a sua receita arrecadada atingira tão somente a importância de 5.564:448\$670.

Respondendo a esta objeção, declarei que a minha pretensão era modesta, desejando apenas fazer projetar uma cidade moderna em um local tecnicamente escolhido, construindo somente 6 prédios para estabelecimentos públicos e sessenta casas para residên-

cia de funcionários. Com o decorrer do tempo e à medida que fôsse ao Estado possível, ir-se-ia completando a obra. Muito melhor seria assim agir do que modificar uma cidade velha, de ruas estreitas, tortuosas, com todos os defeitos de construção da época colonial e, ademais, de péssimas condições topográficas e mal situada em relação ao território goiano.

O grande urbanista ARMANDO GODÓI, a quem muito devo, pelo encorajamento que deu à realização do meu ideal, no seu relatório apresentado, como técnico escolhido para opinar sobre o assunto, assim respondeu às referidas objeções: "Preciso dizer que não procede o argumento de que as condições financeiras atuais de Goiaz não comportam um tal empreendimento. Para aqueles que vêem na criação de uma nova cidade uma exibição ostentatória e uma fantasia oriental e nababesca, tal argumento tem muita força e lógica. Para o técnico, porém, êle não tem nenhum efeito convincente, pois o principal objetivo dos modernos centros urbanos estabelecidos em vários países foi o de obter, nas zonas em que êles surgiram, o que está faltando para Goiaz e tem impedido em grande parte o aproveitamento das suas riquezas e o aumento rápido de sua população. A história de várias cidades surgidas neste século, algumas com menos de três decênios de vida, aí está para responder com eloquência aos que receiam que se agravem as condições financeiras de Goiaz com a mudança de sua capital. Com efeito, Belo Horizonte, não obstante haver surgido em pleno sertão, atraiu vultosos capitais, inúmeras indústrias e é hoje um grande centro comercial e de cultura, sendo de notar que a antiga capital mineira, Ouro Preto, continua a viver como outrora, tendo mesmo se expandido algo, não havendo regredido como se supunha.

Letchwort, na Inglaterra, e Gary nos Estados Unidos, com menos de trinta anos, não obstante ficarem relativamente pouco afastadas de grandes centros, são hoje campo de uma considerável atividade industrial, por haverem sido convenientemente projetadas. É que a indústria e o comércio, em virtude das exigências, resultantes da sua expansão, só se acomodam nas cidades onde se acham reunidos os elementos que unicamente a vida moderna pode proporcionar".

O mesmo urbanista projetou a zona sul desta cidade, aplicando os conhecimentos mais modernos que há sobre a matéria. Foi mesmo, penso eu, um tanto sonhador e visionário. Só em um arrabalde de Nova Iorque se encontra cousa igual, difícil, portanto, de ser executada, presentemente, em nosso meio.

Mas, como Goiânia foi prevista para um futuro bem distante, talvez tenha razão o grande mestre.

ATÍLIO CORREIA LIMA foi quem fez o seu projeto principal. Muito modesto, mostrou-se, no entanto, um conhecedor profundo da sua especialização, revelando-se um perfeito técnico na tarefa de que se incumbiu. O meu governo lhe é devedor pelo muito que contribuiu a favor da sua máxima aspiração.

Meus senhores. Afinal, Goiânia nasceu e está crescendo. É muito jovem. É criança mesmo. Tem apenas oito anos de idade, descontado o lapso de tempo destinado a estudos e instalações. Uma cidade, como sabeis, se constrói, se completa, com o passar dos séculos e das gerações.

como dizia BENEDITO SILVA. Goiânia foi o estímulo, o excitante, o choque que obrigou o nababesco paquiderme a levantar-se.

A cidade, no passado, era refúgio a que os homens se recolhiam quando a guerra explodia nas fronteiras. A cidade era fortaleza e abrigo. A cidade moderna é o repositório de todos os afetos do homem. Ali tem ele o seu lar, a sua família, os seus amigos, as reservas para a sua subsistência e os focos para a sua cultura. A cidade moderna educa e civiliza. É o fator mais valioso para reforçar a homogeneidade das pátrias.

A Austrália, procurando melhorar a sua estrutura política e econômica, construiu Camberra, em pleno campo, e para ali transferiu a sua capital.

Minas Gerais, com a mesma finalidade, construiu Belo Horizonte, depois de calorosas lutas alimentadas pelos descontentes de Ouro Preto, antiga detentora da metrópole mineira.

A construção de Goiânia fez surgir, em a nossa generosa terra sertaneja, um grande centro irradiador das mais benéficas influências, influências que de pronto atingiram os mais remotos pontos do organismo estadual. Goiaz, hoje, é um vasto cenário em que se operam as mais surpreendentes transmutações. Goiânia encheu de haustos vivificadores os pulmões do Estado. Goiaz recomeçou-se em Goiânia.

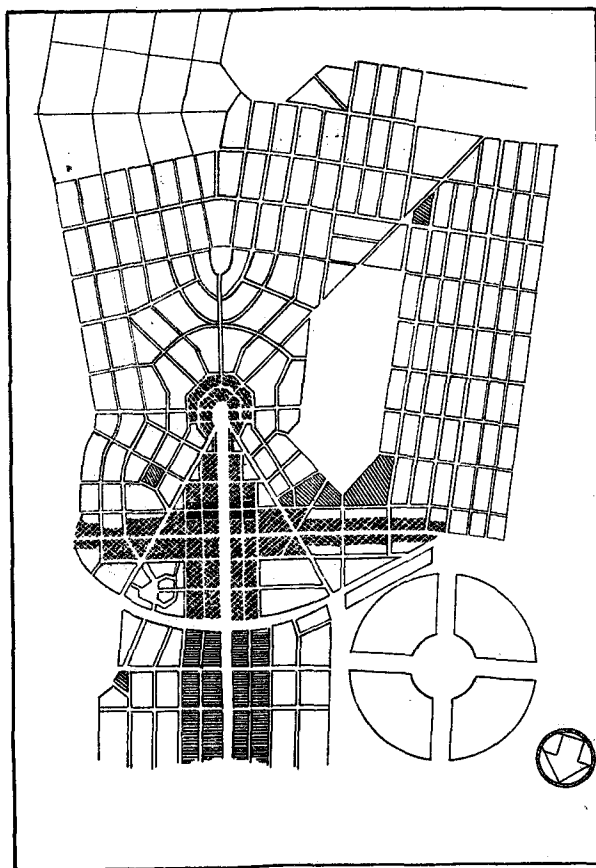
É esta Goiânia que tanto influiu na química da formação de um Goiaz novo, é esta Goiânia, colocada no centro do nosso querido Brasil, a quem ofereci todo o vigor dos meus restos de mocidade, tôdas as energias acumuladas do meu complexo de idealismo, é esta Goiânia a que eu muito quero, simbolizada nesta chave, que lhe entrego, Sr. prefeito VENERANDO DE FREITAS BORGES. Ela é digna do seu entusiasmo,

da sua honestidade, da sua inteligência e do seu dinamismo."

A palavra de M. A. Teixeira de Freitas, orador oficial

Logo após foi dada a palavra ao Sr. M. A. TEIXEIRA DE

FREITAS, secretário geral do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística que, na ausência do embaixador José CARLOS DE MACEDO SOARES que não pôde



Planta geral de autoria do arquiteto CORREIA LIMA.

Goiânia apareceu com um objetivo de oxigenamento e progresso para Goiaz. Surgiu como farol para iluminar o Estado.

A velha terra de ANHANGUERA precisava de ser abalada por qualquer acontecimento que a fizesse lembrada e que a fizesse vibrar. Vivia sob tal modorra, sob tal apatia, que dava impressão de que vivia de cócoras. "Tudo pequenino, vazio, rotina, burocracia",

comparecer às solenidades, fez o seguinte discurso como orador oficial da cerimônia:

“Ao longo de minha humilde mas trabalhosa carreira pública, tenho ocupado várias tribunas e dirigido a palavra a numerosas assembleias, tratando dos mais diferentes assuntos. Jamais, porém, em qualquer dessas circunstâncias se me deparou uma situação tão singular e sugestiva, que me oferecesse, como esta, nas suas linhas mais puras, todo o encanto e todo o mistério do ineditismo.

Como bem sabeis, esta é a segunda vez que se realiza, durante os quatro e meio séculos por que se estende a História do Brasil, a inauguração de uma cidade deliberadamente concebida e construída para ser capital. Falar numa ocasião assim é, pois, incumbência que, pela própria natureza, só se comete aos eleitos da sabedoria e, ainda assim, a longos intervalos de tempo. Quer isto dizer que o destino — e aqui foi mesmo o destino — me reservou uma honra duplamente excepcional — excepcional pela sua raridade.

são inédita que me elevou inesperadamente às alturas desta tribuna.

Esta sensação de plenitude — diria melhor, esta sensação de que devo superar a minha pequenez — emana, por certo, da circunstância de haver recaído em mim, dentre tantos ilustres brasileiros presentes, que a mereciam incomparavelmente mais do que eu, a honra desnorteadora de vos trazer a vós, goianos, pela obra de gigantes que aqui realizastes, a mensagem da admiração afetuososa e do entusiasmo fraternal dos brasileiros de todos os rincões da pátria imensa.

A plena e viva consciência de que desempenho, neste momento, a missão histórica — e quase sobrehumana — de reconhecer, por meio de palavras, a dívida de gratidão nacional de que sois legítimos credores, se me atordoia por um lado, com o peso de uma responsabilidade que seria grande demais para qualquer homem, como certamente é esmagadora para mim, estimula-me, por outro, a haurir na própria magnitude da tarefa as forças necessárias ao seu desempenho.



Uma turma de trabalhadores retira areia do rio Meia Ponte para as primeiras edificações em Goiânia.

Eis as razões porque, ao iniciar o discurso oficial da instalação de Goiânia, substituindo por força das circunstâncias o meu grande amigo e chefe embaixador MACEDO SOARES, cujo estado de saúde lhe impossibilitou a vinda tão ansiosamente desejada por todos nós, me sinto dominado por uma sensação de indizível plenitude e, ao mesmo tempo, atordoado pela consciência da mis-

Sois credores, sem dúvida, da gratidão nacional pelo muito que esta cidade simboliza, como ato de fé nos destinos da pátria comum e como penhor, revelado por vossas mãos, da permanência daquelas mesmas qualidades fundamentais e tradicionais de nosso povo, e que lhe deram a sua inclinação desbravadora. Porque esta cidade, goianos, operou o milagre de, pelo exemplo de um esforço que foi vosso e pelo

contágio avassalador de um entusiasmo que é nosso, reavivar em cada brasileiro a fé na sua gente, mostrando-lhe que perdura ainda e perdurará para sempre, como o núcleo mais recôndito, indestrutível e inviolável do caráter de um povo, aquele mesmo ímpeto bandeirante e aventureiro, aquela mesma vocação de semear para o futuro e para a eternidade, que fez com que os nossos maiores forçassem o seu caminho pelos espaços infinitos de um continente desconhecido e hostil "violando os sertões e plantando cidades", e colocassem os seus lares e as suas vilas sob a proteção da cruz que encimava as capelinhas brancas, sempre construídas "antes de mais nada".

O reconhecimento solene do milagre de Goiânia, dos seus efeitos atuais e das suas repercussões futuras na geografia política, econômica e humana do Brasil, requer incomparavelmente mais sabedoria do que a que eu porventura houvesse acumulado, e mais clarividência, do que a de que eu porventura fôsse detentor.

Não se esmagam indivíduos com tarefas de tamanha envergadura, naturalmente talhadas para as instituições. No caso de Goiânia, pareceu aos organizadores desta solenidade que a palavra oficial, que viesse consagrar a obra de PEDRO LUDOVICO, deveria caber ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, agregado humano e de suas atividades no solo brasileiro.

Assim, o orador oficial nato desta solenidade deveria ser, como foi anunciado, o grande brasileiro que nos falaria na qualidade de presidente e em nome do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Impedido de vir a Goiânia, porém, como tanto desejou, quiseram as circunstâncias, quis o mandato indeclinável decorrente de um gesto fidalgo do governo de Goiás, que a tarefa talhada para a figura marcante do Chefe, fôsse transferida a mim, seu modesto auxiliar.

É, pois, com as credenciais de substituto imprevisto do presidente daquele Instituto, e por força do cargo que ocupo, que vos falo a vós, goianos, e a vós, filhos de outros Estados, na hora inaugural de Goiânia.

O Homem-guia Já se tem observado que toda empreza grandiosa, cuja realização demande largueza de recursos, e requeira o concurso de muitas cabeças, e exija a contração de milhares de músculos, traz sempre o cunho de um *leader*, de uma figura central, cuja vontade coordena a dos outros e cuja inteligência inspira as demais.

Goiânia não foge a essa regra, antes a confirma robustamente. Não faltaram a esta obra a inspiração, a inteligência e a vontade de um genuíno condutor, que, realizando-a, nela imprimiu os traços de sua personalidade singular.

Mobilizando os poucos recursos disponíveis na hora inicial, dosando com sabedoria o seu emprêgo, suprindo com bom senso as muitas deficiências surgidas, extraindo do seu idealismo inexaurível novas reservas de coragem para enfrentar as vicissitudes ocorrentes e frequentes, enquanto criava novos recursos com o progresso da própria cidade, PEDRO LUDOVICO soube manter-se fiel à sua idéia, soube protegê-la e torná-la gradativamente mais apoiada, acabando por dobrar tôdas as resistências, acabando por dar a seu Estado esta jóia do urbanismo moderno, justo orgulho de seu povo.

O forasteiro que visita Goiânia pode gozar o privilégio de manter contacto visual com o horizonte, pois que tôdas as avenidas e ruas desta capital dão para o infinito aberto; mas dificilmente estará em condições de imaginar quantos e que obstáculos foi preciso remover, quantas e que decepções foi preciso suportar, quantos e que desencorajamentos foi preciso subjugar, quantas e que apreensões foi preciso arrostar, quantos e que conflitos foi preciso vencer, para que a obra fôsse iniciada e, depois de iniciada, prosseguisse a sua marcha.

Mesmo aqueles que apoiaram a idéia e acompanharam a sua realização, desde a primeira hora, talvez não conheçam tôdas as peripécias envolvidas, todos os impecilhos encontrados, todos os dissabores surgidos, tôdas as dificuldades contrapostas, todos os poderosos interesses contrariados, que PEDRO LUDOVICO enfrentou e venceu, muitas vezes tendo por arma e fonte de conforto e ânimo, durante a luta, apenas o seu idealismo.

Mas este era vigoroso demais para se deixar entiblar, para consentir que se dobrasse, ou mesmo para se contentar com meias vitórias. Goiânia — ou seja, uma cidade inteira, com os seus hotéis, os seus palácios, as suas rêdes de comunicação, as suas escolas, as suas avenidas, os seus bairros, havia de ser edificada! E foi!

Bosquejo histórico Segundo dizem os registros históricos, a idéia da construção de uma nova capital para Goiás, lançada infrutiferamente em 1830 pelo brigadeiro MIGUEL LINO DE MORAIS, segundo presidente da província, veio à tona várias vezes a partir de então, seduzindo alguns governadores e presidentes, dentre os quais se destaca a figura gigantesca do

general JOSÉ VIEIRA DO COUTO DE MAGALHÃES. Nenhum deles, porém teve ânimo, que chegasse para tomar a resolução de levar a efeito a empresa temerária. E todos recuaram, como recuara MIGUEL LINO DE MORAIS, ante a reação violenta que a idéia provocava na velha capital, a lendária Vila-Boa de Goiás.

O próprio general COUTO DE MAGALHÃES, aquela fibra de aço, que estabeleceu a navegação a vapor no Araguaia, verdadeira epopéia sertanista, comparável, pelo épico de que se revestiu, aos maiores feitos da fase heróica das bandeiras piratininganas, não se animou a empreender a mudança da capital de Goiás.

“A situação de Goiás” — escrevia o general COUTO DE MAGALHÃES em 1863 — “era bem escolhida quando a província era aurífera. Hoje, porém, que está demonstrado que a criação do gado e a agricultura valem mais do que quanta mina de ouro há pela província, continuar a capital aqui é condenar-nos a morrer de inanição, assim como morreu a indústria que indicou a escolha deste lugar”.

Não obstante pensar assim, COUTO DE MAGALHÃES, presidente da província de Goiás, apenas tentou mudar a capital. Porque logo abandonou a idéia, forçado pelas dificuldades que contra ela se levantavam.

Na opinião documentada de um dos vossos historiadores, os últimos anos do Império transcorreram, em Goiás, “monótonos e sem acontecimentos merecedores de especial menção”. Não haverá exagero em afirmar-se que, igualmente durante o período republicano até há alguns poucos anos passados, a grande unidade federativa do Brasil Central marcou passo no mesmo lugar, ou progrediu muito lentamente.

Veio a Revolução de 30, e, com ela, um jovem e ousado batalhador goiano, depois de impor-se pela sua atitude intrépida, subiu, cheio de indiscutível e indiscutido prestígio, à chefia do governo do seu Estado. Após haver perscrutado, na intimidade, os problemas de Goiás, êsse jovem pelejador, PEDRO LUDOVICO TEIXEIRA, não hesitou, segundo as suas próprias palavras, em “exumar e galvanizar a velha idéia da mudança da sede dos poderes públicos estaduais para local bem escolhido, que possibilitasse a formação de uma verdadeira capital”. É que para logo se convencera, — revelando-se aí a sua vocação de estadista, — de que a “construção de uma nova capital não era apenas um problema na vida de Goiás: era também a chave, o começo de solução de todos os outros”.

Para o sonhador de então, que soube transfigurar-se no realizador de hoje, “uma capital acessível”, — são palavras dele — “que irradiasse progresso e marchasse na vanguarda, ordenando a vida política e estimulando a econômica, ligada à maioria dos municípios por uma rede rodoviária planejada, era o órgão de que o Estado de Goiás necessitava absolutamente, para reivindicar no seio da Federação o lugar de saliência” a que tem direito.

Ao tomar a resolução de erigir uma capital nova em fôlha para a sua terra e a sua gente, PEDRO LUDOVICO ergue-se no cenário nacional com um programa eminentemente audacioso. Aquilo parecia ambição excessiva do jovem chefe do governo goiano. Aparentemente, PEDRO LUDOVICO estava superestimando a sua capacidade de realização. “O que visamos — afirmava êle em 1933 — é exclusivamente tornar grande o futuro de Goiás. O nosso objetivo é assegurar ao povo goiano o direito de aproveitar as irrealizáveis possibilidades do seu Estado”.

E canalizando a sua doutrina para o terreno prático, disposto a dar-lhe efetividade, PEDRO LUDOVICO pôs mãos à obra.

Dentro de pouco tempo o Brasil começou a tomar conhecimento da existência de Goiás, a falar em Goiás, e até a acreditar em Goiás. Alguma coisa estava acontecendo, afinal, na terra de ANHANGUERA. Descobriu-se então que as promessas de PEDRO LUDOVICO, por temerárias que parecessem, haviam sido feitas para serem cumpridas. O jovem estadista, renovando cada dia o milagre de multiplicar os escassos recursos de que dispunha, estava escrevendo de fato, mas já agora em estrutura de aço e de cimento, com guindastes e rolos compressores, o poema vibrante de seu ideal.

Rapidamente, em menos de um lustro, parece coisa que mais a toques de varinha de condão do que a pancadas de instrumentos, uma cidade surgiu nesta paradisíaca altiplanura, feita não apenas para o gozo dos sentidos, mas também para o deslumbramento do espírito.

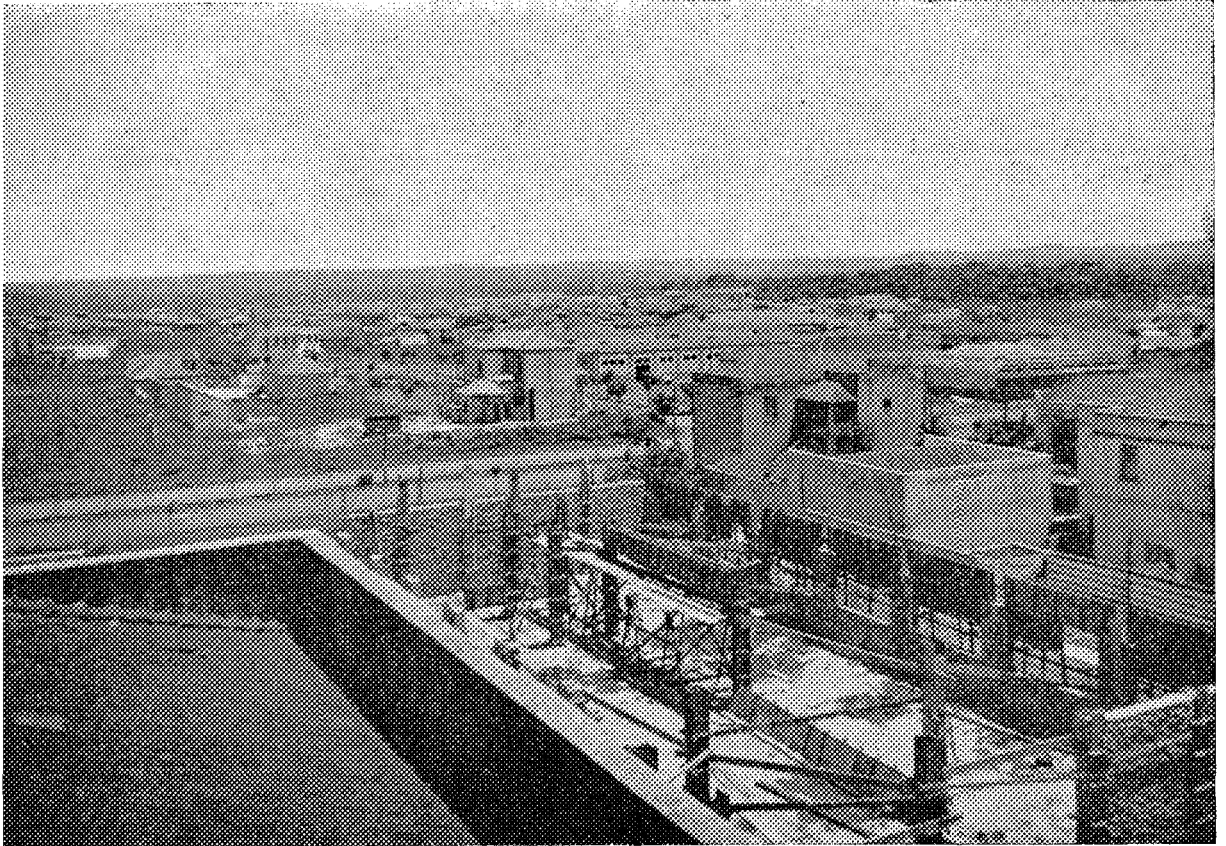
Sim, o moço nobremente ambicioso, que prometeu mais do que acreditavam que êle pudesse cumprir, erigiu uma capital acessível. E essa formosa metrópole, quase que apenas esboçada, mesmo antes de seu batismo oficial, já irradiava progresso e marchava na vanguarda, tal como êle a sonhara. Uma cidade que todos que vêm de Palma ou de Rio Verde, de Catalão ou de Cavalcante, de São José do Tocantins ou de Rio Bonito, de Belo Horizonte ou de Recife, de São Paulo, ou do Rio, de Manaus ou de Pelotas, hoje podem ad-

mirar. Uma cidade melhor e mais bonita, sem dúvida, do que a cidade solar de Campanela. Uma cidade que faz cada goiano ainda mais orgulhoso de haver nascido na grande terra de PEDRO LUDOVICO.

O signo de Goiânia O fato de inaugurar-se Goiânia no começo do mês de Julho torna cabível a menção da circunstância de que numerosos acontecimentos que formam a tecitura da história de Goiaz, ocorreram, também, nesse mês.

Foi a 2 de Julho de 1726 que D. RODRIGO CÉSAR DE MASCARENHAS passou ao capitão BARTOLOMEU BUENO DA SILVA e ao seu genro, capitão JOÃO LEITE DA SILVA HORTIZ, a famosa carta de sesmaria, dando-lhes os direitos das passagens dos rios das Velhas, Paranaíba, Guacorumbá e Meia Ponte, o mesmo Meia Ponte cujas águas movem, em 1942, a usina elétrica de Goiânia.

Segundo AMERICANO DO BRASIL, foi a 6 de Julho de 1726 que o ANHANGUERA entrou em Goiaz pela segunda vez.



Vista parcial da cidade, vendo-se ainda muitos edifícios em construção.

Foi a 2 de Julho de 1720 que BARTOLOMEU BUENO DA SILVA, o segundo, requereu licença a D. João V, rei de Portugal, para "penetrar os altos sertões, à procura de minas de ouro, prata e pedras preciosas, podendo avançar pelos centros das Américas e escravizar índios". Como se sabe, essa iniciativa está intimamente ligada ao alvorecer da história de Goiaz.

Foi a 3 de Julho de 1722 que, a mando do governador D. RODRIGO CÉSAR DE MASCARENHAS, BARTOLOMEU BUENO DA SILVA partiu de São Paulo, com um "bando de 152 aventureiros", rumo aos sertões dos guaiazes.

Foi em Julho de 1727 que o mesmo bandeirante paulista lançou, às margens do rio Vermelho, os alicerces do arraial de Santana, que depois foi feito capital das Minas de Goiaz, então parte da capitania de São Paulo.

Foi em 25 de Julho de 1739 que o governador D. LUIZ DE MASCARENHAS, depois conde d'ALVA e vice-rei das Índias, instalou Vila Boa de Goiaz, nome escolhido em homenagem a BARTOLOMEU BUENO DA SILVA.

Foi a 13 de Julho de 1754 que D. MARCOS DE NORONHA, depois vice-rei do Brasil, iniciou a fundição de ouro em

São Félix, norte da capitania de Goiaz, criada em 1748.

Foi a 26 de Julho de 1773 que José PINTO da FONSECA descobriu a ilha do Bananal.

Foi a 23 de Julho de 1835 que uma lei especial declarou obrigatória a ins-tituição na provincia de Golaz.

Foi a 2 de Julho de 1846 que o notável jurisconsulto JOAQUIM INÁCIO DE RAMALHO, presidente da provincia, criou, por lei, o Liceu de Goiaz, o mesmo em que PEDRO LUDOVICO fez o seu curso de humanidades.

Finalmente, é a 5 de Julho de 1942, data cheia de ressonâncias históricas, que estamos inaugurando Goiânia, a sucessora vitoriosa de Vila Boa.

A cidade-fanal Antes de terminar, deixai que eu vos transmita um conselho dado em Novembro de 1835, pelo pensador JOHN RUSKIN, aos habitantes da cidade de Edimburgo. Fazendo ali uma de suas célebres conferências sobre arquitetura e pintura, disse elle aos seus ouvintes: "é principalmente pelo esforço particular, não pelo esforço público, que a vossa cidade deve ser adornada".

Aquí em Goiânia, o esforço público já fez demais. Cabe agora a vós, habitantes da nova capital, fazer o resto, para torná-la mais bela e atraente.

No Sermão da Montanha, CRISTO disse que não se pode esconder uma cidade construída no alto de um monte. Goiânia, edificada nas fraldas do Planalto Central, é hoje oficialmente revelada ao Brasil.

Bem haja o grande brasileiro PEDRO LUDOVICO, o mago que idealizou, planejou e construiu Goiânia, fazendo tanto com tão pouco.

E tu, Goiânia, metrópole sem rival do Brasil sertanejo, segue, pelos séculos em fora, o teu formoso destino.

O ronco surdo dos teus dinamos, o martelar das tuas forjas, o estrépido febricitante das tuas fábricas, a voz persuasiva dos teus educadores, o suave apostolado dos teus sacerdotes e dos teus crentes, as luzes da tua cultura, a coragem cívica dos teus filhos, o sacrifício dos teus heróis, o exemplo e a sabedoria dos teus dirigentes, — toda a sinfonia maravilhosa das forças materiais e morais que há-de criar, que terás de coordenar, que deverás dirigir; todo este organismo potentíssimo em que te vais constituir; todas as fulgurações da arte, dos ideais, da cultura, da civilização, que do teu seio fecundo vão brotar; todos os dons magníficos que te fazem imensa, Goiânia, desde pequenina; — tudo isso, ci-

dade-fanal, tudo isso, metrópole predestinada, tudo isso, filha dileta do Brasil, não o queres para tí, para o teu gozo, para tua alegria de viver.

Não, Goiânia! O que te deu o signo místico do teu destino, e tudo quando pelo teu labor, pela tua inteligência e pelo teu sacrificio vai ser criado, já estás criando, criarás pelo tempo em fora, só queres, só é teu, para que tenhas o direito de dizer: sou do Brasil, trabalho para o Brasil, hei-de despertar a imensidade adormecida do "desertão" brasileiro. E se te sentes no coração do Brasil, serão tuas as pulsações todas deste coração generoso. E as tuas energias assim disciplinadas, exuberantes de vida, fortes na certeza do seu destino, contribuirão decisivamente para que esta Pátria imensa e bela, este Brasil sem igual, culmine na grandeza política que lhe torna seu direito a própria grandeza física.

Fanal de esperança de um Brasil melhor! Signo da fé em um Brasil senhor de si e dos seus destinos! Ilumina-te, Goiânia, com os mais formosos ideais da Humanidade. E arma-te com as forças irresistíveis da confiança em ti mesma.

Crê em tí, tanto quanto o Brasil já crê. Crê e espera... Espera e confia... Confia e triunfa...

Sus, Goiânia; para cima, para a frente!... Leva nas mãos os destinos do Brasil. E no coração, o amor inquebrantável às glórias do seu passado, à sua integridade, à sua plenitude."

Falou depois, em nome das classes armadas, o general SOUSA DOCA, representante do Sr. Ministro da Guerra, que enalteceu a obra do Interventor PEDRO LUDOVICO.

Seguiu-se com a palavra o Sr. MÁRIO PEÇANHA, membro da delegação do Ministério da Justiça, em nome do titular daquela pasta.

A seguir toma a palavra o Sr. BENEDITO SILVA, diretor da Receita da Comissão de Orçamento da União, e que, como goiano, exaltou a importância incomparável do acontecimento que Goiaz festeja naquele momento.

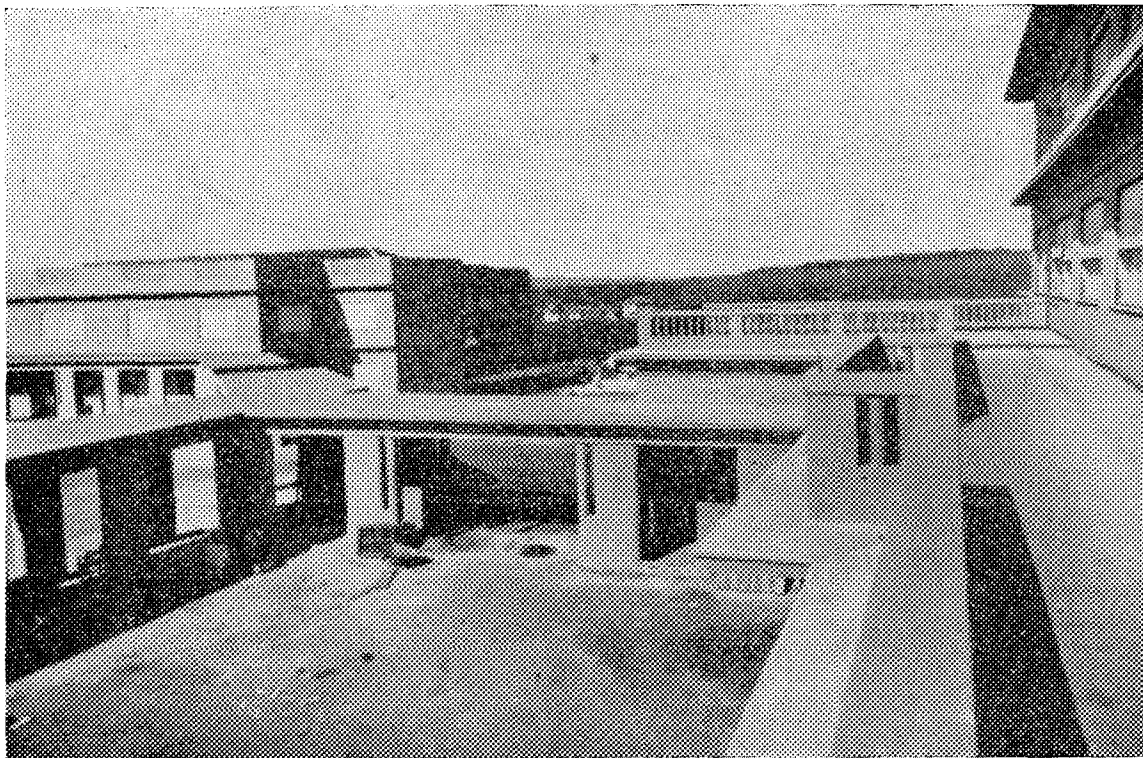
Como representantes dos Ministérios da Guerra, da Aeronáutica e da Marinha, respectivamente, no Conselho Nacional de Estatística, na Comissão Censitária Nacional e no Conselho Nacional de Geografia, o major IRACÍ FERREIRA DE CASTRO, o coronel LÍSÍAS RODRIGUES e o capitão de fragata ANTÔNIO ALVES CÂMARA JÚNIOR, fizeram entrega dos seguintes documentos para serem depositados na urna histórica da cidade: original autografado da Resolução do C.N.E., sobre o batismo cultural de Goiânia; pergaminho contendo

os dados apurados pelo Recenseamento de 1940 sobre o município da capital; e um exemplar especial da publicação *Goiânia*, editada pelo C.N.G.

Os Srs. RENATO BIÃO DE CERQUEIRA e AFRÂNIO DE CARVALHO, membros da delegação baiana, apresentaram mensagens do Interventor LANDULFO ALVES e do prefeito NEVES DA ROCHA, dirigidas ao Interventor PEDRO LUDOVICO e ao prefeito VENERANDO DE FREITAS, e o Sr. RAMIRO BERBERT DE CASTRO, integrante da mesma delegação, discursou longamente, fazendo uma saudação em nome da mais antiga à mais jovem metrópole do Brasil.

integra, definitivamente, no conjunto das células municipais, fundamento e estrutura do organismo administrativo do país.

Presenciamos, meus senhores, nesta solene e significativa hora, a um acontecimento de extraordinária relevância, qual seja a inauguração oficial de Goiânia, simbolizada nesta sugestiva cerimônia. O momento é culminante, grandiloquo e intraduzível na sua significação histórica. O metal de que é feita a chave, que tive a honra insigne de receber das mãos do maior operário goiano, do obreiro máximo da geração atual, é o símbolo da riqueza. Porém,



Goiânia — tipos de edifícios modernos.

A Sra. LAURO SAMPAIO declamou *As Bandeiras*, ode a Goiânia, de autoria de HEITOR ELÓI ALVIM PESSOA.

Coube finalmente ao professor VENERANDO DE FREITAS, prefeito da nova capital, proferir o seguinte discurso encerrando a solenidade:

“Neste ambiente que ressumbra harmonia de sentimentos, verifica-se um dos fatos mais importantes da vida de uma coletividade. É que, ao calor de intensa vibração cívica, assistidos por altas expressões da intelectualidade brasileira; grandemente honrados com a presença de tantas personalidades ilustres — Goiânia se proclama e se

a sua significação é mais profunda, porque na refulgência do ouro-metal que pela maleabilidade se amolda a todos os formatos, vemos traduzidos o OURO-AÇÃO, o OURO-PENSAMENTO, o OURO-PATRIOTISMO. O que representa esta chave é êsse tesouro cujo valor não se mede por cifras — e que PEDRO LUDOVICO TEIXEIRA dá ao Brasil — mais valioso que o ouro das fecundas entranhas da terra, eis que sua refulgência se espalha, se difunde, se identifica e se incorpora à luz do espírito; se irmana aos sentimentos de uma geração inteira; se projeta, em clarões imensos, para o eterno.

É a mesma chave que abre os largos e fulgurantes horizontes da História; que descerra as portas monumentais da imortalidade a essa figura de marcado destaque que é o Interventor PEDRO LUDOVICO TEIXEIRA. É também a mesma que guarda as reservas morais e as tradições mais queridas de uma gente.

Os povos têm seus homens, seus ídolos, pelos quais procuram moldar seus atos, dirigir seus passos e firmar suas convicções. Em todos os tempos e em toda a parte, sempre, as mentalidades aprimoradas estiveram sujeitas aos destemperos e aos embustes dos mediocres. Elas, porém, se avolumam, crescem no conceito geral e acabam dominando pela força das idéias que lhe são a própria razão da existência.

Dotadas de visão, elas seguem o caminho que o destino lhes traçou, pairando acima das misérias e dos agachamentos dos que, muitas vezes, são seus algozes. Por intuição divina, sabem que, mais dia ou menos dia, a vitória esplenderá. E não se deixam abater. PEDRO LUDOVICO teve fé e coragem. Não recuou, não tremeu ante os tropeços. Não teve receio de um fracasso. Caminhou impávido, sereno, por entre as urzes do caminho. Jamais se acomodando a situações que lhe pudessem satisfazer apenas às necessidades materiais, toda a sua vida tem sido uma sucessão de fatos empolgantes. Acima de tudo coloca o seu idealismo e é nisso que reside o vigor de seu espírito.

De têmpera rija, de inamalgável enfiatura, não conhece o desânimo. Desdenha o perigo, porque nele caldeou o seu temperamento. Nunca mentiu a seus companheiros, pois que mantém sempre acesa a chama da lealdade mais pura. Reto, decente para consigo mesmo, não permite a injustiça. Na defesa de seus princípios não mede consequências, nem teme sacrifícios. Não se curva

a conveniências, nem admite imposições. Eis, em síntese, o traço de caráter do grande interventor goiano.

Tudo quanto disse, meus senhores, está confirmado pelo julgamento sereno do povo do Brasil. Porque, grande pela extensão territorial, Goiaz era ainda maior pelo abandono. Enquanto outros caminhavam na vanguarda, permanecíamos em estado primitivo, vegetando, embriagando-nos ante as belezas sem par de nossa natureza, não aspirando mais do que aquilo que as nossas vistas alcançavam. Todavia, providencial foi o contraste. Preciso fôra que o caos dominasse para que, da escuridão do nada, surgisse, como aurora redentora, o Estado Novo. Preciso foi que um homem tomasse a si a tarefa árdua de guia de um povo. E aí estão, no silêncio de sua majestade, os palácios de Goiânia, como afirmação incontestada do gênio da época e como símbolo memorável de uma geração de gigantes.

Goiânia não é fruto de impulso momentâneo ou de um capricho político. É a concretização de um ideal secular tantas vezes sentido e lembrado, mas que circunstâncias não permitiram se realizasse. E aos contemporâneos, mesmo, a mudança da capital se apresentava como tentame de visionário. E, realmente, se analisarmos todos os ângulos desta formidável construção, se medirmos todos os sacrifícios e se avaliarmos os óbices transpostos, então chegaremos a sentir também que só a um espírito de extraordinária fortaleza seria possível conceber e realizar o arrojado plano de se erguer, na bruteza do solo sertanejo, em plena campina, uma cidade que se transformaria, no decurso de pouco mais de um lustro, na capital surpreendente, na esplêndida maravilha que é Goiânia.

Nem por sombra nos assalta o desejo de fazer um estudo retrospectivo



A nova capital de Goiaz vai sendo, pouco a pouco, enriquecida de belas e confortáveis habitações particulares.

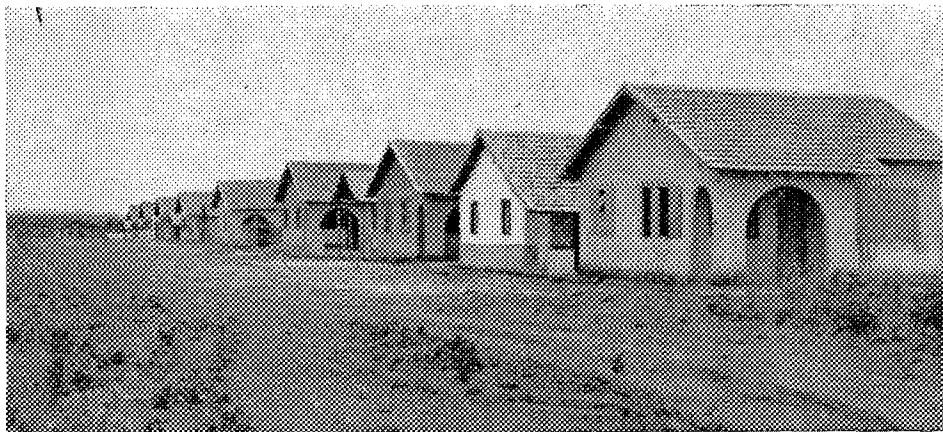
de Goiânia. Basta-nos a certeza de que o Brasil inteiro conhece de sobra o que ela representa como fator de progresso e, mais que isso, como elemento de atração e como centro de irradiação das múltiplas atividades do homem. Temos a prova do que afirmamos no magnífico movimento que se processa ao ensejo do "batismo cultural" de Goiânia, atraindo para o centro do país, numa coesão de sentimentos, numa demonstração positiva de apoio, representantes de tôdas as unidades federadas, de institutos oficiais e de institutos paraestatais. É confortador sentirmos o contacto agradável de tantos patrícios, alguns dos quais vieram de longe, com sacrifícios enormes, só e só para dar a nós sertanejos, para trazer a esta cidade que inicia sua caminhada o alento de seu entusiasmo cívico. Mais e mais se afirma a convicção de que S. Excia., o Interventor PEDRO LUDOVICO TEIXEIRA, não empreendeu obra estadual — sua tarefa é mais vasta, porque é brasileira.

como iluminuras estonteantes, Goiânia atestará a grandeza, o apogeu!

Ouvi, senhores!

Rangem as engrenagens. Sobe o fumo pelo ventre enorme das chaminés. Refolgam possantes vapores. Estridulam sirenes e apitos. Deslizam, pelo asfalto negro, automóveis inúmeros. Máquinas voadoras cortam o espaço em todos os sentidos, descrevendo evoluções incríveis. Nas escolas, nas academias, a mocidade, festiva e esperançosa, prepara-se para os embates da vida. Nos cafés, nos teatros, nos cassinos, nos jardins, nos parques e nas longas avenidas, a mesma intensidade de vida, o mesmo entusiasmo. É a vertigem do progresso.

É o trabalho cantando o seu hino. E eis aí, Senhor Interventor PEDRO LUDOVICO, o seu monumento. Eis a sua consagração. Eis o triunfo de tantas lutas. Eis, enfim, a suprema aspiração — A IMORTALIDADE.



Também os operários não foram esquecidos em a nova capital que surge no centro do coração do Brasil: algumas habitações do bairro proletário.

Colocando-me a uma distância infinita, postando-me na linha do horizonte, quero tornar-me observador apenas, para poder traçar a perspectiva do que o meu espírito possa apreender. Deslocado, assim, para bem longe, para um período remoto, eu desejaria interpretar o pensamento das gerações vindouras. Goiânia é um capítulo, o mais importante, da história de minha terra. Põe à prova a energia de um cérebro, consubstancia o anseio de um povo e retrata a larga visão de um estadista.

No deslumbramento de sua evolução, constitui um assombro e um milagre, realizado em pleno sertão, no coração da pátria. Assinala uma epopéia sublime e é um ponto isolado e destacado na vida de Goiás. É o marco que separa dois períodos históricos: — o da estagnação e o da ascensão. E então, daquele, só restarão ruínas, e dêste,

Mas não é só. V. Excia. não construiu somente uma cidade, que isso seria pouco ou não seria tudo para sua capacidade realizadora. Foi mais além. Construiu a segurança coletiva, implantou o regime da ordem e do trabalho. Criou u'a mentalidade nova, digna do espírito da época e consoante os princípios de humanidade. Duradoira é a sua obra. O tempo, que tudo consome, não conseguirá destruir os frutos de tanto amor, de tanta dedicação e de tão acendrado patriotismo. A sua consagração não se fez e nem se fará nos monumentos das praças públicas. Ela reside mais na admiração de todos os brasileiros, no culto e na gratidão das gerações futuras.

E aí está porque afirmamos não sermos um povo pobre. Um povo que trabalha, que edifica, que ama extremamente a sua Pátria, que guarda as

tradições de seus maiores; que defende o seu patrimônio moral e a sua liberdade; que estuda e que evolue, não pode ser pobre!

Somos ricos porque temos a ventura de possuir um governador devotado à causa pública, constituindo-se em exemplo ímpar de trabalho e retidão; que se confunde com os operários; que alenta os descrentes e estimula as forças dos apáticos; que irradia bondade e semeia benefícios.

Não posso, nem devo terminar, meus senhores, estas palavras sem que apresente os agradecimentos de Goiânia a quantos vieram emprestar o brilho de sua presença a esta solenidade. Principalmente aos senhores Ministros de Estado, aos dignatários do clero e às altas patentes das Forças Armadas. Um agradecimento todo especial ainda aos dirigentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, representado por seu digno presidente o embaixador MACEDO SOARES e por TEIXEIRA DE FREITAS — o funcionário número um do Brasil. Os trabalhos preparatórios, a propaganda, não seriam bastante para atrair para cá, neste momento em que as dificuldades de transporte se acentuam e que a situação internacional se agrava consideravelmente, tanto interesse. Eram precisos decisão e entusiasmo, decisão e entusiasmo que nunca faltaram aos dirigentes do Instituto.

Quero, também, expressar a gratidão do povo goianoense a S. Excia. o Senhor Presidente da República, — DR. GETÚLIO VARGAS.

Nas horas de glória e de alegria é que mais nos aproximamos dessa figura admirável, cuja inteligência patriótica criou no Brasil o clima propício a empreendimentos da envergadura de Goiânia, — mercê da paz, da liberdade e da ordem que seu governo implantou, mesmo na angústia do momento atual.

Se motivos adversos não nos permitiram a honra e o prazer de termos a presença desse nome tutelar aqui, agora, Goiânia ainda hoje rememora, trêmula de emoção, de quando S. Excia. a visitou; na memória da cidade ainda se vislumbra o vulto daquele que, quando ela começava a ser, quis vê-la e viu-a bem de perto, sentindo seu pulsar; e que assim a estimulou e lhe deu ânimo a prosseguir na trajetória que o seu destino histórico lhe traçara.

Senhores visitantes, aceitai, pois, os agradecimentos da cidade que neste momento se integra no rol das capitais brasileiras e que saúda tôdas as suas irmãs do Brasil."

Ao terminar a leitura desse discurso, o Interventor PEDRO LUDOVICO, leu os termos de um telegrama, que, sobre a solenidade, acabava de receber do Sr. Presidente da República, tendo depositado esse documento na urna histórica da cidade.

Por fim, D. EMANUEL GOMES DE OLIVEIRA, arcebispo de Goiás e representante do cardeal D. SEBASTIÃO LEME, procedeu à bênção da urna, pronunciando antes algumas palavras alusivas à cerimônia, concluindo por dar vivas ao Brasil e a Goiânia.

A imponente sessão foi encerrada ao som do hino nacional.

V SESSÃO ORDINÁRIA DE ASSEMBLÉIA GERAL DOS CONSELHOS NACIONAIS DE ESTATÍSTICA E GEOGRAFIA

Desejando contribuir da forma mais expressiva para o maior brilho das solenidades do "batismo cultural" de Goiânia, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística decidiu, por ocasião da realização da sua Quarta Sessão Ordinária, levada a efeito no mês de Julho do ano passado, que a Quinta Sessão Ordinária das Assembléias dos seus dois Conselhos tivessem lugar, no presente ano, em Goiânia.

Quebrando uma antiga tradição regimental, pois tôdas as suas sessões ordinárias, a começar da primeira, vinham se realizando na Capital Federal, o I.B.G.E., para isso, obteve permissão expressa em decreto-lei baixado pelo chefe do governo federal. (Decreto-lei n.º 4 092, de 5-2-942).

Afim de tomarem parte na importante reunião, seguiram para a nova capital de Goiás os dirigentes dos órgãos geográfico e estatístico do I.B.G.E. acompanhados de grande número de técnicos e funcionários.

Instalação das Assembléias A sessão de instalação solene da V Sessão Ordinária das Assembléias Gerais dos Conselhos Nacionais de Geografia e de Estatística, teve lugar no dia 1.º de Julho último, sob a presidência do Interventor PEDRO LUDOVICO TEIXEIRA.

Além dos membros dos dois órgãos dirigentes antes referidos, viam-se presentes à importante reunião as altas personalidades locais e as que se en-